



Interface - Comunicação, Saúde,
Educação

ISSN: 1414-3283

intface@fmb.unesp.br

Universidade Estadual Paulista Júlio de
Mesquita Filho
Brasil

Costa Val, Alexandre; de Lima Gomes, Gabriela; Machado Vilhena Dias, Fernando
Multiplicando os gêneros nas práticas em saúde
Interface - Comunicação, Saúde, Educação, vol. 20, núm. 57, abril-junio, 2016, pp. 517-
526
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Botucatu, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=180144606022>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Multiplicando os gêneros nas práticas em saúde

Multiplying genders in health practices

Multiplicando los géneros en las prácticas de salud

Alexandre Costa Val^(a)

Gabriela de Lima Gomes^(b)

Fernando Machado Vilhena Dias^(c)

Introdução

Apresentamos um breve relato sobre a experiência do evento “Multiplicando os Gêneros nas Práticas em Saúde”, criado, inicialmente, a partir da parceria dos cursos de medicina das Universidades Federais de Ouro Preto (UFOP) e de São João del-Rei (UFSJ).

Os estudantes e profissionais da saúde, frequentemente, sentem-se despreparados e embaraçados ao lidarem com crenças, mitos ou tabus que envolvem as sexualidades dos seus pacientes¹. Lacunas na formação desses profissionais constituem entraves para a mudança desse cenário. De forma geral, o tema tende a ser tratado pelo viés da matriz biológica dos corpos, reforçando a crença em entidades dicotômicas, naturalizadas e predefinidas.

A despeito das indicações das diretrizes nacionais para elaboração dos currículos médicos, habitualmente, a inserção desse conteúdo ocorre de forma fragmentada. Na prática, prioriza-se uma visão organicista, sem estabelecer qualquer diálogo com outros campos do saber^{2,3}. Erros no diagnóstico, fragilização na relação com os pacientes e uma qualidade assistencial prejudicada são algumas das consequências da abordagem superficial do tema na graduação.

A criação de espaços de discussão envolvendo variadas disciplinas, incluindo as ciências humanas, as ciências sociais aplicadas e as artes, surge como uma resposta adequada para um assunto complexo em uma sociedade pluralizada e diversa⁴. Esse tipo de iniciativa é, no entanto, ainda pouco usual nos cursos de medicina.

Entendemos que esse relato pode contribuir para a fomentação de iniciativas como essa. Em nosso contexto, o pioneirismo da proposta permitiu um intercâmbio legítimo entre diversos atores sociais e disciplinas, aproximando questões relativas à diversidade dos gêneros ao campo da saúde. Esse evento constituiu, originariamente, um espaço aberto para que, a partir das vivências

^(a,c) Escola de Medicina, Departamento de Saúde Mental, Universidade Federal de Ouro Preto. Campus Morro do Cruzeiro, s/n, Bauxita. Ouro Preto, MG, Brasil. 35400-000. alecostaval@yahoo.com.br; fernandomvdias@hotmail.com

^(b) Departamento de Museologia, Universidade Federal de Ouro Preto. Ouro Preto, MG, Brasil. gabiligo@gmail.com

práticas, pudéssemos articular novas perspectivas para uma formação mais ampla, integrada e apoiada na construção crítica do conhecimento.

O evento

Tutorados por docentes, os alunos das ligas acadêmicas de saúde mental dos cursos de medicina, a partir de suas vivências e pesquisas teóricas, elegeram temas relacionados aos gêneros e às sexualidades para discussões sistemáticas ao longo do semestre. A ideia de se criar um evento para trocar as experiências e questionamentos advindos desses encontros estava lançada. Não tardou para que surgissem diálogos com as ciências sociais aplicadas. O envolvimento dos alunos do departamento de museologia da UFOP, tutorados por docente, possibilitou uma interface com o campo das artes, ampliando as propostas de formatação do evento.

A interação, protagonizada, sobretudo, pelos alunos da medicina e da museologia, inicialmente marcada pelas especificidades do campo de cada um, aos poucos, se constituiu como um intercâmbio de discursos, tarefas e funções. A organização da logística do evento e a concepção do cerimonial, a criação do site^(d) e dos materiais de divulgação, a seleção das obras e dos filmes e a participação ativa nos debates ocorreram em um ambiente onde já não predominavam as especialidades, mas o “saber-fazer” de cada um.

O evento ocorreu em Ouro Preto - Minas Gerais, cidade marcada pela estrutura barroca e por um ambiente acadêmico tradicional em que o tema até então era pouco discutido. Entre os dias 18 de maio e 21 de junho de 2015, foram programadas intervenções com o propósito de sensibilizar todos os participantes em relação à complexidade de um cenário formado por múltiplas e, por vezes, inclassificáveis identidades de gêneros e modos de vivenciar as sexualidades.

^(d) O site do evento pode ser visto no link: <https://multiplicandogeneros.wordpress.com>



Fotografia: Gabriela de Lima Gomes

Imagem 1. Equipe da Empresa Júnior de Museologia trabalhando na montagem da Exposição Entre Elxs.

A programação teve início com a abertura da exposição *Entre Elxs*. Esta criou um espaço aberto e interativo de diálogo com o público, apresentando uma seleção de obras que versavam sobre as diversas possibilidades de criações dos gêneros e dos corpos no contemporâneo, a partir de apropriações singulares de diferentes realidades sociais, históricas e relacionais.

Fotografia: Gabriela de Lima Gomes



Imagem 2. *Exposição Entre Elxs*, Sala Ivan Marquetti, Galeria de Arte do GLTA, Ouro Preto, MG.

Essa iniciativa, coordenada pela museologia, esteve associada a atividades dialógicas de educação em saúde, voltadas para os estudantes do Ensino Médio da rede pública de educação. Estes, ao se depararem com as obras e com as ações preparadas para a mediação do tema, desenvolveram reflexões sobre a diversidade humana, que, conforme observaram vários de seus professores, serviram como ferramentas de apoio para desfazer preconceitos e trabalhar a violência direcionada às minorias.

Fotografia: Domingos Mazzilli Júnior



Imagem 3. Home, Sweet Home, Domingos Mazzilli, 2007. A obra vem acompanhada de uma placa com os seguintes dizeres: “Se você for homem, retire a tampa e deixe a Branca de Neve respirar por alguns segundos”.

Fotografia: Gabriela de Lima Gomes.

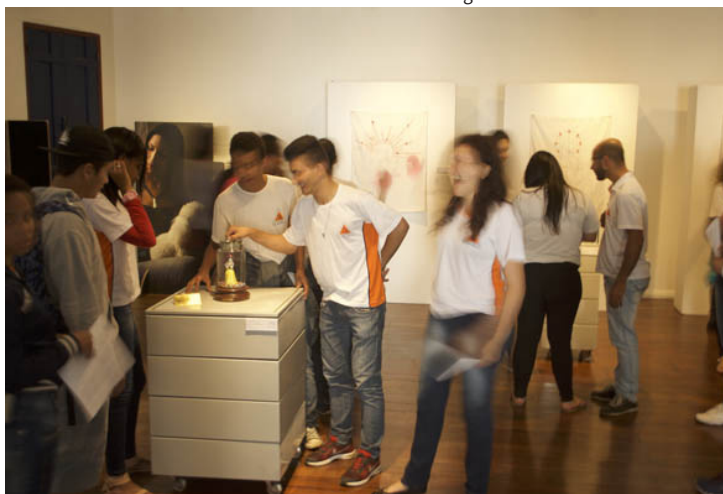


Imagem 4. Atividade educativa na *Exposição Entre Elxs* com alunos do 3º ano do 2º grau da Escola Estadual Dom Silvério - Mariana, MG.

Além disso, o cinema da cidade apresentou uma mostra de filmes aberta à comunidade, seguida de debates coordenados por docentes e discentes. A participação inusitada daqueles que transitavam pelo local contribuiu sobremaneira para o enriquecimento dessa atividade. O estatuto do corpo e da pele no contemporâneo, assim como as novidades biotecnológicas do século XXI e as discussões correlatas sobre bioética, foram alguns dos pontos ressaltados na conversa sobre o filme *A pele que habito* (Pedro Almodovar, 2011). Em uma viagem por espaços pouco explorados na floresta Amazônica, uma das diretoras do documentário *Korubo: uma etnia sem fronteiras* (Mariana Fagundes, Luís Abramo e Ernesto Solis, 2013) nos apresentou a história do povo indígena Korubo, recém contactado e marcado pela escassez de mulheres para garantir a reprodução e manutenção da tribo. A importância da mulher nessa cultura, o anseio pelas novas tecnologias descobertas e a criatividade diante do caos serviram como pontes para o debate a respeito de nossa sociedade atual.



Fotografia: Mariana Fagundes

Imagem 5. Imagem de divulgação do filme *Korubo*, 2013.

A mostra foi encerrada com o filme *Meninos não choram* (Kimberly Peirce, 2000), trazendo, para a cena, a discussão, conduzida pelos alunos de medicina, sobre os homens transexuais, que ainda encontram pouca visibilidade no imaginário popular.

Valendo-se de diversificados recursos audiovisuais e literários, a oficina *Questões sobre gênero e imagem etnográfica* conduziu os participantes por um caminho em que se abordou a história do erotismo, das sexualidades e dos gêneros. Ícones da fotografia, como Nan Goldin, estiveram presentes nessa trajetória. O convívio íntimo, mas não invasivo, dessa fotógrafa com casais que protagonizaram o ensaio *The ballad of sexual dependency* (1985) estimulou uma interessante conversa a respeito da arte, dos corpos contemporâneos e do cotidiano das pesquisas qualitativas em saúde.



Imagem 6. Gilles and Gotscho Embracing. Nan Goldin, 1992.
Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/bohemea/5997174971>

O simpósio se constituiu como o ponto-chave para as articulações do evento. Foi composto por quatro mesas de debates, envolvendo mais de 200 profissionais e estudantes de diversos campos do saber. Na mesa de abertura, localizou-se o referencial teórico que sustentaria as demais discussões. Partindo das perspectivas da psiquiatria, da psicanálise, da psicologia e da antropologia, os palestrantes trabalharam alguns termos como: sexo, sexualidade, gênero, desejo, orientação sexual, performatividade e incorporação (*embodiment*). Situações que estão cada vez mais presentes em nossa sociedade, como, por exemplo: os exames propedêuticos para se descobrir o sexo genético ou anatômico do feto, a doação de óvulos e os preconceitos em relação às variadas formas de se vivenciar as sexualidades, pavimentaram o debate. O arsenal teórico-conceitual que envolve as tentativas de criação de uma “ciência da sexualidade” parece culminar, em última instância, no fenômeno de medicalização dos corpos e da vida. No entanto, sempre há algo que escapa às investidas de teorização, normatização ou classificação, gerando impasses e controvérsias.

Na mesa *A apropriação dos gêneros pelo discurso biomédico*, a discussão foi retomada a partir de uma análise do discurso das produções norte-americanas sobre sexo e gênero entre os anos de 1950 e 1970. A fragilidade das políticas e práticas em saúde voltadas para os homens foi abordada como um paradigma que revela a insuficiência do discurso biomédico, que prioriza as matrizes

biológicas dos corpos para alcançar certos grupos. Outra situação – não menos emblemática – é a adolescência. Essa foi tratada a partir do caso de Herculine, também chamada Alexine Barbin⁵. Atravessando de uma margem a outra, de um sexo ao outro, sua ambiguidade sexual, concreta, pôde ser lida como uma condição característica da puberdade, fase em que a desarmonia entre organismo e natureza se apresenta de forma evidente. No relato de Alexine, escrito quando ela tinha 25 anos, pronomes masculinos e femininos se alternam, revelando alguém sem lugar no mundo, aprisionado em um “entre dois”. Um aprisionamento sustentado pelo discurso biomédico que, ao desconsiderar o sujeito, parece contribuir para um desfecho trágico: o suicídio.

Fotografia: Rodrigo Mogiz



Imagem 7. Martírio Juvenil, desenho e bordados em tecido, Rodrigo Mogiz, 2003.

A tentativa de circunscrever algo da ordem sexual também se faz presente nas novas e velhas classificações da psiquiatria. As nomeações como “transtorno de identidade de gênero” e “disforia de gênero” foram examinadas à luz das novas propostas do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais V (DSM V) na mesa *Saúde mental e gêneros*. O desconforto – sempre presente – na forma em que cada um de nós vivencia as próprias sexualidades levantou um questionamento pertinente: “Temos todos, em alguma medida, algo dessa disforia?” A ênfase dada à diversidade de gênero dentro de discursos da degeneração moral e da patologia foi deslocada para a potencialidade do discurso das diversidades em promover a saúde (mental). Uma sociedade em que as singularidades e diferenças podem ser acolhidas pressupõe a suspensão de hierarquias, segregações ou discriminações. Isso cria um contexto para que cada sujeito possa agenciar o seu desejo, conectando-se ao coletivo de uma forma mais saudável.

Em meio a esses debates, os participantes foram surpreendidos com dois performers vestidos com malhas que apagavam as características sexuais e que, explorando as possibilidades e tentativas de expressão performática do prefixo “t.r.a.n.s”, conduziram a plateia pelas charmosas ruas da cidade histórica em direção à exposição *Entre Elxs* para um pequeno intervalo. A intervenção *T.R.A.N.S: um prefixo para todos e para ninguém?* cativou a todos com seus movimentos poéticos, performáticos e musicais, “trans-formando” a paisagem do simpósio.

Fotografia: Gabriela de Lima Gomes



Imagem 8. T.R.A.N.S: um prefixo para todos e para ninguém? Performance executada no centro de Ouro Preto pelos artistas Leandro Acácio, Luciana Tanure e Renata Queiroz, envolvendo os participantes do simpósio.

A mesa *Transgeneralidades* encerrou o simpósio. Tomando as transexualidades como paradigmas, o processo de patologização dessa condição foi discutido a partir da realidade dos movimentos desses sujeitos no Sistema Único de Saúde. A compulsoriedade da psicoterapia e a exigência de um laudo médico-psiquiátrico que chancelasse as intervenções foram questionadas. Desconsiderando a singularidade e as saídas que cada um encontra diante desse impasse, a lógica médico-psiquiátrica impõe a necessidade de que os sujeitos se posicionem, novamente, dentro das categorias dicotômicas preestabelecidas. Alternativas da despatologização foram apontadas de forma criteriosa para se evitar a falta de assistência. Uma delas, por exemplo, foi a inscrição dessas pessoas nas categorias que se referem às condições de vida que influenciam o estado de saúde e o contato com os serviços (representado pela letra Z na Classificação Internacional da Doenças - CID). A discussão não deixou de abarcar o paradoxo do tamanho controle no campo das intervenções voltadas para os transexuais em uma sociedade em que o excesso de interferências corporais – como as cirurgias plásticas estéticas – é regulado de forma bastante frouxa. Por fim, a necessidade de se respeitar o tempo, as invenções e criações de cada sujeito foi destacada como elemento essencial para qualquer prática em saúde.



Fotografia: Felipe Ferreira

Imagem 9. Divine. Domingos Mazzilli, 2014. Compôs a ambientação do Cine Vila Rica, local em que aconteceu o *Simpósio Multiplicando Gêneros nas Práticas em Saúde*.

Considerações finais

A interdisciplinaridade presente no simpósio “Multiplicando os Gêneros nas Práticas em Saúde” sustentou uma discussão aprofundada e reflexiva sobre uma temática complexa que exige, de saída, o envolvimento de várias perspectivas. Tratou-se de uma construção coletiva que envolveu alunos do Ensino Médio, do Ensino Superior, profissionais das mais diversas áreas do saber e muitos outros atores sociais. Esse encontro, permeado tanto pelas práticas em saúde como pelos discursos disciplinares

^(e) A época do evento coincidiu com um momento em que as denúncias de homofobia nas repúblicas e no meio acadêmico da UFOP ganhavam maior visibilidade. Além disso, ocorreu a regulamentação da utilização do nome social, considerando a identidade de gênero, na universidade.

e suas formas de expressão acadêmica, deu origem a diversas mediações de natureza não apenas teórica, mas, também, política, social e cultural. Entre elas, citamos: o engajamento de alguns estudantes em projetos de pesquisa e extensão relacionados ao tema; a demanda para que o assunto seja incluído nas atividades curriculares; o comprometimento de parte da comunidade acadêmica em questões relacionadas à aceitação das diversidades^(e), e a sensibilização de professores quanto às possibilidades de abordagem das sexualidades em formatos menos artificiais e distanciados da realidade. De nossa parte, os desdobramentos incluíram a organização de um livro com os textos produzidos ao longo do processo e o desejo de repetir essa experiência.

Ao final, a construção possível não poderia ser outra: diante da multiplicidade de formas de existência do ser humano, definitivamente, não cabe a normatização. Cada um encontra uma saída mais ou menos cômoda que deve ser acolhida de forma a evitar a ruptura das conexões possíveis com o coletivo.

Fotografia: Fernando Torres



Imagem 10. Elas, Madalenas. Lucas Ávila, 2014. O artista acompanhou o cotidiano de transgêneros durante três anos na cidade de Belo Horizonte. O tamanho ampliado das fotos causou impacto naqueles que visitaram a exposição.

Essa experiência mostra a potencialidade de apropriação da polifonia discursiva sobre os gêneros e das sexualidades nas práticas em saúde – sejam elas de educação ou de assistência – para o desenvolvimento de situações favoráveis para mudanças em um contexto social mais amplo.



Imagem 11. Elas, Madalenas. Lucas Ávila, 2014.

Colaboradores

Os autores participaram, igualmente, de todas as etapas de elaboração do artigo.

Referências

1. Vicente LM, Vieira EM. O conhecimento sobre a violência de gênero entre estudantes de Medicina e médicos residentes. *Rev Bras Educ Med*. 2009; 33(1):63-71.
2. Resolução no 3, de 20 de Junho de 2014. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Medicina e dá outras providências. *Diário Oficial da União*. 20 Jun 2014.
3. Silva MCBA. Sentidos da diversidade sexual entre estudantes de medicina [dissertação]. Uberlândia (MG): Universidade Federal de Uberlândia; 2014.
4. Rufino AC, Madeiro AP, Girao MJBC. O Ensino da sexualidade nos cursos médicos: a percepção de estudantes do Piauí. *Rev Bras Educ Med*. 2013; 37(2):178-85.
5. Foucault M. *Herculine Barbin chamada Alexina B*. 2a ed. Madrid: Talasa Ediciones; 2007.

Submetido em 29/07/15. Aprovado em 16/12/15.